

do odiento que a mais alta expressão da dor estética consiste essencialmente na alegria. E conclui dizendo que sente a dor de tôdas as vidas em sua vida anônima de larva. Seja como fôr, os quadros que descreve são harmônicos e se ajustam coerentemente ao fim desejado.

Até aqui o poema é rigorosamente estruturado. Já a imagem que aparece nas três estrofes restantes é desestruturada. Quem fala nelas é o poeta, que surge no plano da realidade existencial, liberto das transfigurações míticas que encarnara, ora na Sombra, ora no Filósofo, ora no Sátiro. Canta então numa como elegia panteísta do universo a canção da natureza exausta, que chora e ri da incoerência infernal de tudo quanto troveja massacres, de tudo quanto fere a sensibilidade da frágil criatura humana.

Poema de arquitetura, que oferece ao leitor uma perspectiva pluridimensional, *Monólogos de uma Sombra* só pode ser penetrado depois de conhecidas e identificadas as formas psíquicas que nêle se agitam e, em seu conjunto, representam uma mesma imagem, a imagem do poeta, que embora tripartida não quebra de modo nenhum a unidade temática.

A crítica estética nas muitas vêzes que já apreciou êsse poema não fez mais que desengastar as jóias de maior realce e com isso se dava por satisfeita. Repetia, assim, o autor, dando destaque aos trechos mais originais, sem cuidar de perceber o simbolismo linguístico, que é a força viva na relação imagística da obra de arte.

A interpretação que agora damos ao poema pode não ser ainda a última palavra em matéria de exegese, mas servirá certamente para mostrar uma perespectiva nova na difícil composição poética. Na pior das hipóteses, abre caminho para um melhor levantamento estrutural, coisa que nunca se fez, pois sem isso permanecerá obscura a decifração do enigma.

* * *

Dizem que na noite do seu casamento, numa casa da antiga Rua Direita, esquina do velho Liceu Paraibano, já noite alta, quando o silêncio pesava sôbre a casa e sôbre a cidade, o poeta se levantou, como um alucinado por visões escatológicas, e a passos largos pelo alpendre da residência, compôs um poema pressago, a que deu o título de *Noite de um Visionário*. Referências a êsse fato ouvi muitas vêzes de pessoas idôneas, que conheceram de perto o poeta. Alguns ainda estão vivos. No entanto, Humberto Nóbrega e Ademar